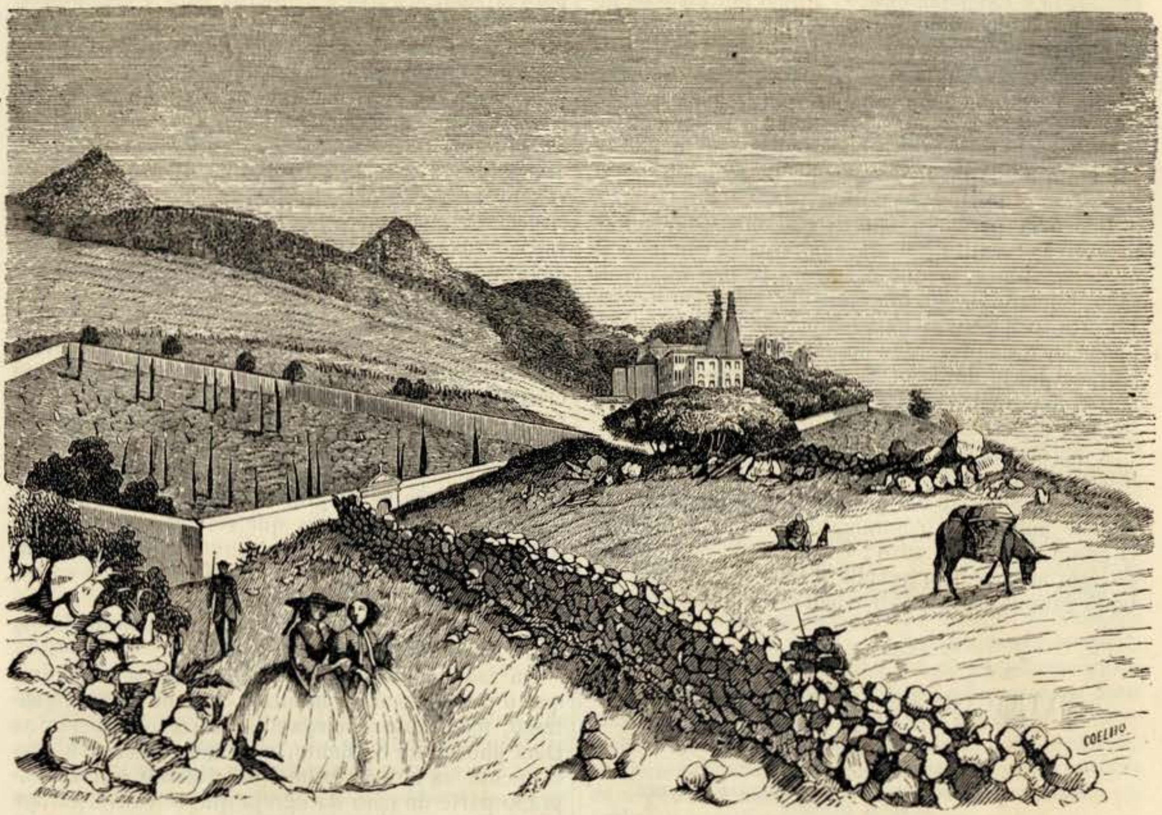


Uma paizagem de Cintra — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Não ha carme de poeta nem tela de pintor que não tenha reproduzido, com inspiração e deleite, as bellezas naturaes da encantada Cintra, o promontorio da Lua, o jardim das Hespanhas, a moirisca pousada estiva dos reis agarenos de Lisboa.

Camões e Cintra — o poeta e a poesia, a natureza e a arte — quasi que são os dois unicos indicativos da existencia de Portugal para os estrangeiros que raro nos citam hoje, quando ha tres seculos nenhuma outra nação enchia tanto o mundo com o seu nome, entoado pelas cem tubas da fama, pregoeira dos descobrimentos, conquistas, commercio e navegação dos portuguezes.

Certo que são, Camões e Cintra, duas grandes dadivas do Creador a este bem prendado e mal fadado reino de Portugal; mas sobram-lhe, para citar e louvar, outros homens e outras paizagens, que só por elle estar n'este canto do mundo, lhe não chegam cá os rasgos da penna nem os toques do pincel estrangeiro.

Os proprios nacionaes adoecem d'esta enfermidade; tambem elles tem parecido estranhos a muitos homens celebres, a muitas bellezas naturaes, a muitos monumentos artisticos, a muitas grandezas de Portugal, que hão de eternisal-o na memoria dos homens, e fazer com! que o não possam riscar do mappa das nações.

Não tem, comtudo, os modernos sido tão descuidosos como os antigos, porque na pintura, na gravura e na lithographia, hão sido nos ultimos annos reproduzidas muitas bellezas naturaes e monumentaes de Portugal.

O nosso jornal tem feito d'ellas o principal peculio das suas gravuras, e de Cintra tem já publicado algumas paizagens em ambos os volumes antecedentes.

A que hoje apresentâmos foi tirada do ponto de vista tomado do sul da serra, onde se está construindo a « villa Estephania. »

Esta nova povoação, que tanto realce póde dar á villa velha dos moiros, está apenas planeada, e posto que se achem já alli construidos vinte e tantos predios, com seus accessorios, sómente uns dez estão promptos para habitar. Os estorvos que tem havido para a continuação do caminho de ferro de Lisboa a Cintra, cuja estação nos dizem será ás portas da « villa Estephania », tem feito com que as obras estejam paradas ha muito tempo.

O sr. Lucotte, emprehendedor bem conhecido, mas nem sempre bem succedido, comprou n'aquelle local perto de 130:000 metros de terreno, que é unicamente a área actual da projectada « villa Estephania »; poz-lhe umas tres mil arvores de sombra, e commetteu o plano e construcção das edificações a um mr. Colson, architecto francez, que esteve alguns annos em Lisboa a comer uma libra por dia, paga pelo thesoiro publico, não sabemos com que auctorisação! Ouvimos que as construcções, apesar da sua elegancia externa, accusam a imperícia do architecto, sobre tudo em relação á escolha dos materiaes.

No plano da edificação da nova villa comprehende-se um *cassino* ou *club* para bailes e concertos; sala e amphitheatro para espectaculos scenicos. Mais uma grande hospedaria, e fonte publica n'uma lameda de arvores transportadas pelo novo systema, que péga nas de vinte ou trinta annos, e as leva para onde se quer.

O primitivo emprezario, não tendo cabedaes para continuar a edificação, formou uma companhia denominada « Estephaniense », a qual por meio de acções havia de ministrar o capital necessario para ultimação da obra. Varios capitalistas e outros cavalheiros dedicados a similhantes emprezas subscrevêram para esta companhia, a que tambem prestára o seu apoio el-rei D. Fernando, o melhor patrono que a alterosa Cintra podia encontrar, depois de ser tão querida de D. João I, de D. Manuel, de D. Sebastião e de D. João de Castro.

Dependia porém a approvação dos estatutos da definitiva constituição da empreza do caminho de ferro de Cintra, o que até agora se não tem realisado. Consta, porém, officialmente, que o emprezario Lucotte trespassára a uma companhia belga, de gente abonada, a empreza das docas e bairro maritimo da margem norte do Tejo. Se assim é, teremos o novo bairro marginal, carril de ferro para Cintra, e continuada a « villa Estephania. »

A paizagem que hoje apresentâmos, copiou-a no seu album o nosso incançavel desenhador o sr. Nogueira da Silva, n'um passeio que ultimamente fez áquelle admiravel panorama de verdura e alcantis. O ponto de vista é novo; e sobre tudo está escolhido com arte, e com aquella melancolia poetica que tanto caracterisa o nosso talentoso collaborador.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 162)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

Entremos agora, como dizia o poeta na sua carta, pela dita casa de Santa Isabel, e pela sua porta principal.

No vestibulo nunca chegaram a collocar-se bancos ou cadeiras. A porta que diz para a escada tinha dois batentes, girava para ambos os lados, e nunca ficou á vontade de Garrett, apesar dos esforços reunidos de dois armadores, dois carpinteiros, do Gonçalves e meus! Esta porta tinha ao meio dois oculos, e por cima d'elles as iniciaes A. G. em metal doirado, e sobre ellas o timbre das armas do visconde com a sua divisa — *Semper fixa*.

Seguia-se a escada que tinha dois lanços, e na volta um candieiro de gaz. Este candieiro tambem não agradava ao caprichoso inquilino; collocaram-se por differentes vezes uns tres ou quatro, mas nenhum mereceu as honras de uma escolha definitiva. O agente da companhia manifestou n'essa occasião uma paciencia digna de altos louvores, mas não conseguiu satisfazer o exigente poeta.

O chão de pedra, entre a porta e a escada, bem como o alizar, eram pintados de branco. As paredes da escada estucadas, e a madeira das portas e corrimão pintadas a mogno. Os degraus eram pintados e envernizados imitando oleado; ao meio corria um tapete, que se estendia do vestibulo até á porta da sala de espera, apertado em cada degrau com braçadeiras de metal doirado.

No cimo da escada havia uma porta na frente e duas lateraes. Aquella dava entrada para a saleta, e estas para dois corredores. A saleta, ou sala de espera, é pequena e quadrilonga, tendo ao fundo uma janella para a rua, onde se havia posto um transparente pintado, e cortinas de cassa bordada. A sua mobilia eram quatro cadeiras de mogno com estofos de marroquim, e duas banquinhas de jogo. Era atapetada com tapete de lã, carmezim, verde e preto. Sobre o tapete duas passadeiras de hollanda crua postas em cruz. Paredes e tecto de estuque branco, uma porta á direita communica da saleta para a sala, e outra á esquerda para o escriptorio.

Entremos por esta ultima. O escriptorio é uma casa de tamanho regular, quadrada, tendo além da porta por onde entrámos, duas janellas sobre a rua, e duas portas que lhe correspondem, sendo a primeira para um corredor que vae dar á cozinha, e a segunda para o quarto da cama. As paredes são estucadas em verde, e o tecto estucado de branco, tendo ao centro um florão entre arabescos, d'onde pendia um gancho de metal para lustre. As portas não tinham reposteiros; nas janellas cortinas verdes de lã com galerias de jacarandá, e transparentes brancos. O tapete irmão do da saleta.

Entre as duas portas (do corredor e quarto de cama) estava collocada a banca grande de escrever, bofete magnifico, de quatro pés, com travessas em cruz. Sobre esta banca, e ainda na rua do Salitre, foram revistas as *Folhas Cahidas*, e começado o romance não concluido, *Helena*. Tambem sobre ella se emendaram, para se imprimirem, os ultimos discursos parlamentares do grande poeta. Alli se tinham tomado os apontamentos que serviram de base, na tribuna, a esses derradeiros monumentos de eloquencia que arrebataram o auditorio que os ouviu na camara dos pares.

A antiga mesa de trabalho fôra transformada em outro movel antes da mudança.

Ao lado da banca de escrever estava a cadeira, que o poeta chamava *abbacial*. Era um movel gigantesco, magestoso e elegante. Havia pertencido ao Dom abbade de S. Bento, mas não conservava exactamente as fórmas primitivas. Garrett havia comprado parte do côro da egreja que se converteu em parlamento, e d'essa madeira, que era pau santo, tinha mandado fazer a maior parte da sua mobilia. Na mesma occasião parece que arrematou a cadeira abbacial, aproveitando-lhe os pés e braços, que formavam dois magnificos dragões, e mandado fazer umas costas novas do mesmo estilo. A cadeira não tinha menos de 1 m. 50 c. do chão ao ultimo ornamento do espaldar, e cabiam n'ella duas pessoas sentadas. Era estofada e forrada de damasco de seda carmezim, e considerada mais como objecto de luxo, que de utilidade.

Entre a banca e a parede estava um tamborete coberto de coiro lavrado em gomos, tendo cada gomo sua côr differente. Aos lados da mesa desciam dois cordões de campainha. Na parede fronteira estava collocado um fogão de ferro, e por cima um relogio pendurado. Ao fundo, em frente da porta de entrada, duas grandes estantes de pau santo cobriam a parede. Aos lados da porta ficavam outras duas de menores dimensões. Estas haviam sido feitas em casa, com restos d'aquella madeira, e sómente as columnas são de pau santo; as taboas e regoas são de pinho, e o poeta conseguiu, com uma infusão preparada por elle, dar-lhe a côr que imita a do jacarandá. Do meio corpo para baixo tem estas estantes uma especie de gavetas feitas de cartões forrados de papel de raiz, com ferragens de metal bronzeado, e n'ellas estavam todos os papeis e manuscriptos do nosso poeta.

As duas maiores, obra de mais apurada marcenaria, de estilo severo, em que, comtudo, se tratou mais da grandeza e commodidade que da verdadeira elegancia, foram mandadas fazer pelo fallecido duque de Palmella para offerecer a Garrett quando este escreveu aquella admiravel biographia da fallecida duqueza.

O velho duque, mais principe do que alguns reis, era admirador sincero do poeta e das suas obras. Tenho á vista algumas cartas nas quaes falla com

enthusiasmo do auctor de *D. Branca*. Tão differente era este de outro a quem um estrangeiro de distincção fazia um comprimento por ser compatriota de Garrett, respondendo de um modo tão indigno de si e da sua alta posição, que indignou a quantos o ouviram! E o que assim o deprimia devia-lhe não poucos serviços! Mas o duque de Palmella, que não era ingrato, nem pedante, escrevia amiudadas vezes ao grande poeta para que fosse jantar com elle ao Lumiar, e fez-lhe sempre muitos mimos. As duas estantes não foram paga da biographia da duqueza, mas sim uma lembrança do illustre diplomata ao poeta que lhe era tão querido.

Todas as quatro estantes estavam alfabeticamente numeradas. As duas ao pé das janellas A e B continham: litteratura, poesia e miscellaneas. C e D as duas ao pé das portas: direito, historia, e sciencias moraes. N'estas divisões arbitrarias, feitas por elle, comprehendiam-se, sob o titulo de miscellaneas, todas as outras especies bibliographicas não designadas.

A sua livraria não era grande, nem tão pouco notavel em livros muito valiosos. Uma primeira edição dos *Lusiadas* de Camões, um livro de orações que pertenceu á rainha D. Catharina, e mais duas ou tres obras das que hoje se consideram raras, compunham toda a sua riqueza. Tinha alguns auctores gregos e latinos em boas edições, varias collecções hespanholas, poucos poetas portuguezes e, em geral, livros que, sem ser tidos na conta de raros, são estimados sempre.

Garrett já não comprava livros; havia annos que eu lhe fornecia obras para as suas leituras favoritas (theatro e viagens) e lhe dava as noticias que podia obter sobre qualquer livro que se publicava. O ultimo livro que elle me pediu para ler, e que não pôde já concluir, por adoecer quando o estava lendo, foi um volume da collecção de *Voyages autour du Monde*, edição de folio, com gravuras, publicada por Alberto de Montémont. As viagens do capitão Cook, que vem n'este tomo, deleitavam-n'o muito, e dizia elle que lhe traziam á memoria a sua alegre e esperançosa mocidade, porque as tinha lido a primeira vez quando andava a estudar na universidade.

Voltemos ao escriptorio.

Completavam a mobilia d'esta casa duas cadeiras genovezas, pretas, uma banquinha ao pé da porta do corredor, e um *guarda-lume*, em frente do fogão, n'uma moldura de pau santo, pé de ferro, com um quadro bordado a lã, representando um calabrez com uma criança ao collo.

Entremos na alcova onde morreu o poeta. É um quarto que recebe quasi toda a luz do escriptorio, porque não tem janella. Uma pequena fresta que deita para o quintal da sr.ª condessa das Antas, e cujo tamanho foi limitado por esta senhora com incrivel severidade, deixa entrar o ar livre com a mesma parcimonia com que entra a luz. Ao fundo do quarto, no recanto mais escuro, ha uma pequena porta para o retrete e corredor particular, que se tinha occultado com o papel com que se forraram as paredes do quarto. Este papel era lindo, mas brilhava pouco pelas más condições da casa onde fôra posto. Foi escolhido pelo Gonçalves e por mim, e remettido entre outros para Belem á approvação do poeta. Mas as suas resoluções em materias de gosto não se tomavam levemente. Parece que foram consultadas as banhistas mais acreditadas pela sua elegancia e discernimento na escolha e harmonia das côres; mas pelo periodo de uma carta que tenho á vista os votos foram todos concordes.

Diz a carta de Garrett:

« Decididamente e sem hesitar, o melhor e o que escolho é um dos dois que tem o mesmo desenho de festões de rosas, um de fundo verde, outro côr de canna, mas ambos identicos em tudo o mais. Mas entre os dois hesito, porém, porque minha filha vota pelo de fundo verde, e outras senhoras que aqui estão votam pelo fundo côr de canna. Eu voto por ambos; e deixo ao meu amigo o decidir *sur les lieux* e vendo o effeito que um e outro faz no quarto. »

Decidiu-se que ficasse o de fundo verde com festões de rosas, mas depois conhecemos que o de fundo côr de canna devia produzir melhor effeito, por ser o quarto pouco alegre.

O tecto era estucado de branco; o chão atapetado. A alcova é quasi quadrada. A cama do poeta, de estilo *sebastianista*, tinha a cabeceira encostada á parede da fresta, isto é: voltada para o nordeste. Não se lhe tinham posto, como elle dizia na sua carta, cortinas de chita, porque eu e o Gonçalves ousámos pronunciar-nos abertamente contra isso. Foi a primeira vez que o achámos em falta n'este capitulo, em que era tão meticuloso; e eu, seu aprendiz na materia, tive a audacia de lhe dizer que se visse na sua cama a coberta e a armação de chita, suppôria que era o leito nupcial do seu cocheiro. Esta comparação trouxe-o ao bom caminho, e a cama recebeu uma modesta armação de cassa branca, e uma colcha bordada por coberta. De cada um dos lados da cabeceira havia uma banquinha de pau santo, e sobre ellas desciam dois grossos cordões de campainhas ornados com borlas verdes. Entrando no quarto, ao lado esquerdo, havia um contador com gavetas grandes para roupa. Sobre elle estavam duas caixas inglezas magnificas, uma com todos os objectos de uso necessario para homem; a outra contendo uma correspondencia volumosa [1]: flores seccas de diversas epochas, um retrato de Garrett feito em cobre, e varias reliquias e familia.

Depois d'este primeiro movel estava a porta para o retrete, já na outra parede; logo adiante, outro contador ainda melhor do que o primeiro, mais alto, e com mais ricos lavores. Este ficava aos pés da cama, e tinha por cima, presa á parede, a bella imagem de Christo, de que já fallei, que reunia á sua admiravel belleza, o ter pertencido á mãe do poeta. Aos lados do crucifixo estavam uma bacia, um jarro, uma palmatoria, uma estante de missal, e dois vasos pequenos, tudo de metal amarello (ou prata doirada?). Estes objectos, conservados por Garrett com grande veneração, haviam pertencido a seu tio o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia; os dois pequenos vasos, já referidos, eram os mesmos que lhe serviam por occasião dos pontificaes.

Ao lado da cama estava uma grande poltrona coberta com estofo de lã, com fundo verde e grinaldas de rosas, imitando o papel de que estavam forradas as paredes.

N'este quarto, preparado com tanto empenho, n'aquella cama sebastianista restaurada com verdadeiro amor de artista, penou o grande poeta trinta e nove dias sem descanço! As paredes floridas, aquelle ar de campo que elle tanto amava, um certo perfume de mocidade que tanto o comprazia, e que elle affectava um pouco em tudo, não poderam prolongar uma existencia que seria sempre gloriosa para as lettras patrias. O seu destino foi inexoravel! Um homem que parecia, e pretendia ser sempre moço, que no trajo, nos costumes e nos gostos pendia mais para o começo do que para o declinar da edade, morreu no meio de uma primavera pintada, entre falsa verdura e fingidas flores, fazendo, horas antes de morrer, projectos de trabalho, isto é, morreu cercado de todas as suas illusões de homem e de poeta! Morreu quasi como tinha vivido!

Entremos na sala.

1 N'outra parte se dá noticia d'ella

É uma casa quadrada com duas janellas sobre a rua, duas portas ao fundo, correspondendo ás janellas, das quaes uma diz para o corredor que vae á casa de jantar, e a outra para o quarto que devia pertencer á ex.^ma^ filha do poeta. Outra porta, a meia parede, dava entrada da saleta para a sala. O tecto estucado de branco tinha ao centro um florão cercado de arabescos. O tapete era egual ao da saleta e escriptorio. Por causa d'elle, e por não ter ficado nunca posto em termos, escreveu Garrett algumas quatro cartas para que o Gonçalves ou eu fustigassemos o armador, e o obrigassemos a pôr o tapete como devia ser. Na ultima carta pedia pelo amor de Deus que o livrassem do indigno G.! O que é certo é que se não conseguiu nunca o que desejavamos, e que em alguns logares o estofo levantava-se muito em grossas rugas, e estava todo mal pregado.

O papel das paredes tinha fundo branco e ramos de oiro. As janellas estavam armadas com cortinas de cassa branca bordada, tendo entre a cortina e a janella um *manteau* de damasco encarnado que descia até á altura dos parapeitos. Transparentes brancos.

Em frente da porta de entrada ficava o fogão, que era para lenha; tinha a frente de marmore branco, e era bronzeado por dentro. Não chegou a collocar-se por cima d'elle um espelho de Veneza que para isso se estava arranjando.

Aos lados do fogão dois cordões de campainhas com borlas carmezins. Entre o fogão e a janella um sofá em estilo da *renaissance*, coberto de damasco carmezim. Diante do sofá uma banquinha do mesmo estilo, com embutidos. Entre o fogão e a porta do quarto tres cadeiras tambem da *renaissance*, e com o mesmo estofo carmezim; em frente d'ellas uma banca feita de uma só táboa oblonga, com muitos arabescos e embutidos, tendo por pé uma grossa columna torneada em espiral.

No vão das duas portas uma banquinha de fórma caprichosa, com dois pés, compostos cada um d'elles de duas columnas e uma regoa com duas garras em baixo. Por cima d'esta banca uma *étagère* presa na parede.

No vão das janellas outra banquinha de feitio quasi similhante á que lhe ficava fronteira, e tambem com sua *étagère* por cima.

Esquecia-me dizer que ambas estas banquinhas tinham embutidos de marfim, ou madre-perola, e que todos os moveis de Garrett eram de páu santo, excepto os da casa de jantar.

Á entrada da sala, uma cadeira de espaldar de cada lado, ambas de estilo *sebastianista*, e forradas de damasco carmezim com franjas de seda.

Entre a porta de entrada e a do corredor um pequeno bufete, e sobre elle uma caixa quadrilonga, coberta de espelho por fóra e na tampa. Em cima tinha pintadas no vidro as armas do visconde com as côres naturaes, e a divisa por baixo.

Dentro d'este elegante cofre achavam-se todos os seus diplomas, titulos honorificos, cartas dos soberanos que o honraram com alguma distincção, etc. O nosso poeta possuia em subido grau o amor d'essas pequenas bagatellas, com quanto affectasse por ellas uma grande indifferença. A carta que lhe dirigiu o sultão, com as insignias do Niekan Iftehar estava n'este cofre, guardada em um saquinho de setim branco.

Nos dois cantos do fundo da sala havia duas columnas torneadas em espiral, com uma jarra de porcelana em cima de cada uma. N'estas jarras estavam dois magnificos ramos de pennas, que o meu velho amigo Agostinho José d'Almeida me tinha mandado da America para eu dar ao poeta. As outras columnas que deviam corresponder a estas, foram retiradas a meu pedido e do Gonçalves, por se assimilharem muito a dois tocheiros de egreja.

Sobre a pedra do fogão brilhavam duas formosissimas serpentinas de jaspe e metal prateado.

Elegantes placas japonezas, para dois e tres lumes, serviam ás paredes de rico enfeite.

Garrett possuia muito poucas pinturas, e d'essas nenhum quadro tinha ainda collocado.

No meio da sala havia um *fauteuil*, estofado e coberto de lã de ramagens, a que o poeta dava o nome de *cadeira de occasião*, porque se destinava a rodar para todos os lados onde fosse necessaria.

(Continua) F. GOMES DE AMORIM

RASPAIL

Ha nomes tão populares, não só no proprio como nos alheios paizes, que a ninguem é dado ignorar em que se estriba a fama que os pregôa.

O nome de Raspail é um d'estes.

Francez por nascimento, é hoje cidadão de todo o mundo, porque na maxima parte das linguas cultas se acha traduzida a obra que lhe grangeou nomeada entre os povos, o « Manual da Saude » ; e porque em todas as nações ha sectarios do seu novo systema de tratamento das molestias, exposto no referido manual, e n'outras obras menos vulgares, por se referirem ás altas questões da medicina e sciencias accessorias.

Em Raspail ha duas individualidades, e ambas tem concorrido para a sua celebridade — a politica e a scientifica. Trataremos unicamente d'esta, não só porque aquell'outra é defesa ao nosso jornal, mas porque como sabio e amigo da humanidade é que o vamos dar a conhecer aos leitores, pelo retrato que apresentâmos, e pela sua biographia, compilada das muitas que d'elle tem escripto amigos e inimigos.

Importa, porém, declararmos ántes de tudo, que, estranhos á arte de curar, posto se diga que de medico e de louco todos temos um pouco, não tratâmos aqui de contestar ou defender o systema medicativo d'este celebre chimico.

A medicina, como a politica, tem tido muitos revolucionarios e poucos reformadores. Raspail é revolucionario ou reformador da medicina?

Não o decidirá, de certo, a inveja, a rivalidade dos contemporaneos.

Mas, ainda que o não decida, devemos todos respeitar o homem que com tanto talento, sciencia e paciencia, contribue para o « desideratum » de tantos seculos, a certeza medica.

Dissertando sobre este ponto, disse um auctor insuspeito, porque é lente de medicina allopatica, o dr. Thomaz de Carvalho, no discurso de abertura das aulas no anno lectivo de 1851:

« Não será, pois, nem o anatomismo nem o vitalismo, nem espiritualistas nem materialistas, que nos hão de definir o caracter da medicina actual; ha de ser o respeito por todos os elementos da sciencia, a conciliação de todas as verdades n'um ponto de vista mais comprehensivo, que as desenvolva, explique, concentre e determine. D'esta harmonia resultará a unidade, e será n'ella que havemos de encontrar o verdadeiro *criterium* da certeza medica. »

Deixemos pois o debate de tantos systemas de medicina, hoje em lucta viva, aos homens de sciencia; e façamos o resumo da vida e obras do auctor do « Manual da Saude. »

Francisco Vicente Raspail nasceu em Carpentras (Vaucluse) a 29 de Janeiro de 1794.

Foi o terceiro filho de uma familia pobre e realista, que ficou miseravel de todo com a revolução de 1792. Um ecclesiastico de grande saber e virtude, o padre Eysseric, o tomou á sua conta, ensinou-lhe os primeiros elementos, e o metteu depois no seminario de Avinhão. Taes progressos fez dentro em pouco tempo, que, quando tinha apenas 16 annos, foi encarregado de reger a cadeira de philosophia, e em 1812 era lente de theologia no mesmo seminario.

Aqui foi elle professor de quinze ou vinte bispos, arcebispos e cardeaes, entrando n'este numero o actual prelado de Paris, mgr. Sibour.

Obteve, a rogos dos seus superiores, dispensa das ordens para prégar, visto não ter a edade canonica, e no pulpito maravilhou os que o ouviram.

Chegou a adquirir tal fama, que o imperador Bonaparte, ouvindo fallar de um sermão notavel que Raspail prégára no anniversario da batalha de Austerlitz, pediu que lhe mandassem o manuscripto. Raspail, que tinha prégado de improviso, escreveu-o mesmo na mesa da sacristia onde recebeu a ordem do imperador. Este, depois de o ler, remetteu-o ao prefeito de Vaucluse com esta nota do seu punho.

« Proteja-se este rapaz, que ha de ir muito longe. »

A prophecia realisou-se!

Não querendo, porém, tomar ordens, saíu d'aquelle instituto, e contentou-se com o modesto logar de prefeito no collegio da sua cidade natal.

Durante a guerra civil, Raspail exhortou sempre os seus concidadãos para se reconciliarem e defenderem a patria ameaçada; e em quanto os patriotas eram obrigados a refugiar-se nas montanhas, Raspail com seus dois irmãos mais velhos affrontou sempre as iras do partido realista, até ao momento em que se restabeleceu a tranquillidade no meio-dia da França. Partiu então para Paris,



Raspail

aonde padeceu muitas necessidades, porque, conhecidas as suas opiniões republicanas, foi successivamente despedido dos collegios onde se ia offerecer como repetidor, vendo-se obrigado a dar lições particulares aos estudantes do bacharelado de lettras. Apesar de tão attribulada existencia, repartia elle o seu tempo cursando as aulas de direito, e tomando parte activa nos trabalhos das sociedades secretas da restauração. Concluindo o curso juridico, foi praticar no escriptorio de um advogado. Mas reconhecendo a falta de vocação que tinha para as tricas do fôro, deu-se inteiramente ao estudo das sciencias physicas, vivendo dos honorarios de explicador. N'este tempo casou-se com uma honesta costureira, muito feia, segundo dizem todos os biographos.

Finalmente em 1834 apresentou Raspail ao Instituto os seus primeiros trabalhos sobre a familia das gramineas, reduzindo a um terço as innumeraveis especies conhecidas, baseada esta sua classificação, não sobre os caracteres fugitivos do involucro, mas sobre os anatomicos e physiologicos. De 1824 a 1830 dedicou as suas numerosas investigações á botanica, á zoologia, a paleonthologia, á medicina legal, e sobre tudo á chimica e á anatomia microscopicas, publicando-as nos *Annaes das Sciencias Naturaes;* nas *Memorias do Museu;* nas *Memorias da Sociedade de Historia natural de Paris;* no *Repertorio geral de Anatomia;* e no *Boletim das Sciencias,* de *Férussac,* o qual boletim contém egualmente d'elle grande numero de notas originaes e analyses criticas. Em 1829 fundou, com o physico Saigey, os *Annaes das Sciencias de Observação.*

Em resultado de aturados e pacientes estudos, expulsou elle do dominio da sciencia uma multidão de materias organicas, mal estudadas, o que lhe suscitou a animosidade de muitos chimicos, e dos que lucram em multiplicar as especies na botanica; mas os sabios estrangeiros fizeram tanto caso dos seus descobrimentos, que um d'elles, não francez, mas italiano, dedicando-lhe uma obra, o denominou « creador da chimica organica. »

Pouco depois tentou Raspail introduzir no ensino publico as suas idéas democraticas, desencadeando-

se em diatribes contra as corporações scientificas, e contra a administração do estado, cuja reorganisação propunha. Foi então que os seus novos trabalhos scientificos foram recebidos por uns com silencio, por outros com detracção, e por muitos com insinuações malevolas.

(Continúa)

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 134)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

IX

AS DUAS PRIMAS

A filha do capitão-mór estava outra. Não a conhecêra seu pae, e menos os visinhos do solar, que d'ella se tinham despedido com tantas saudades.

As côres vivas haviam desapparecido, e com estas a tintura de rusticidade, e o perfume fragueiro, que lhe dava uns ares de familia com as rosas silvestres.

Tornára-se Ignez toda melindres e donaires, nos modos, nas fallas, no trajar, em tudo. Realçava-lhe um leve nacarado a pallidez alabastrina das faces. Quem a visse, reclinada entre brocados, mal poderia acreditar que esta creaturinha delicada, flexivel como o vime, amestrada na harmonia das attitudes e na graça ondulosa dos meneios, era a mesma que dois mezes antes galopava entre brenhas, á beira dos mais arremessados precipicios.

A narração de qualquer caso medianamente dramatico provocava-lhe umas exclamações de gentil sobresalto, que lhe iam a matar. No languido fulgor dos olhos adivinhava-se-lhe o reflexo de uma chamma interior. Em vez da petulancia innocente e dos alvoroços meio aldeãos, uma circumspecção reflexiva, que ás vezes se matizava de certa malicia senhoril.

Sob esta compostura, que a fazia tão differente, — ai! tão differente! — a intrepidez nativa era a mesma: affrontava só outros perigos, maiores, creio eu!

E como se effectuára tal mudança?

Incrivel é a celeridade com que as mulheres se transformam! Um homem póde viver annos no meio de uma sociedade sem lhe tomar a feição; a mulher emmolda-se n'ella com presteza maravilhosa. Tem-se visto individuos renitentes, que, favorecidos da fortuna, no fastigio da riqueza, e entre os esplendores nobiliarios, conservam inalteravel o typo chão e plebeu. A mulher aristocratisa-se logo, e confunde-se em breve com as mais afidalgadas e mimosas — salvo se já passou os quarenta, ou padece uma obesidade incuravel. Podem as acções desmentir o exterior e accusar a origem; mas, na apparencia, a metamorphose é tão completa como rapida. É uma faculdade especial, esta que ellas tem de se instaurarem damas, tanto do pé para a mão, que até mão e pé tem artes de transfigurar sem se saber como.

Estou que lhes vem com as galas a inspiração, se é que Deus, com fazel-as mais brandas de natural, não as preparou já para esta facil mutabilidade.

Na morgadinha, para a tornar senhora, das mais senhoras, era meio caminho a criação tansmittida com as tradições de familia. Para o mais, deve-se dizer a verdade, estava em boa eschola!

O general Junot, em parte com idéas politicas, em parte tambem pela sabida tendencia do genio francez, tratára de promover por todos os modos uma nova e aprazivel convivencia. Era um expediente para attrahir, e para exercer propaganda, extremamente adaptado ao espirito da sua nação; era tambem um modo de mostrar fé na sua situação e de communical-a; era finalmente uma diversão aos muitos cuidados e inquietações que lhe enfadavam e entristeciam os officiaes.

No seu quartel, em casa do barão de Quintella, dera o exemplo, que pouco lhe custava; e se não foi mais feliz na tentativa, não se lhe póde attribuir a falta de diligencia.

A sombria desconfiança do geral da população via com maus olhos estes folguedos. Para o povo, que se não illude tão facilmente como se pensa, a patria estava de lucto. Nas familias principaes, o recato austero da velha e sã educação portugueza era um grande obstaculo aos intuitos do general governador, e o odio, que se acerava com os estimulos do patriotismo, um contra ainda maior.

O exemplo foi portanto pouco efficaz.

Entretanto, o amor da novidade seduziu alguns, e principalmente algumas. A mulher do desembargador foi d'estas.

A situação dubia do precatado jurisconsulto não podia prolongar-se indefinidamente. Cumpria, ou resignar as suas funcções, ou seguir a causa do novo governo. Sondou elle o terreno, e presentiu que não estava seguro; mas alongou os olhos a um lado, e viu um soberano que tinha por sceptro uma espada até então triumphante, alongou-os a outro lado, e viu um monarcha fugitivo.

Podia lá vacillar!

O desembargador tinha por principio inalteravel achar razão ao vencedor, fosse quem fosse. Se algum dia a fortuna, como inconstante, retirasse a este os favores, esperava elle mudar a tempo com ella.

Para que lhe servia a sua perspicacia e solercia?

Entrementes, seria grande simpleza esperdiçar tão azada occasião para auferir acrescentamentos, como é a de um poder que procura onde se firme. Mettendo-se em casa, não passaria certamente a desembargador do paço, e quem poderia saber a que mais!

Não se perdeu o molde a esta santa gente, que se conforma com todas as politicas, aprende o ritual de todos os cultos, sabe marear por todos os rumos, e passa a vida em adoração diante de todos os astros — dos astros que surgem, bem entendido. Cuido até que tem medrado prodigiosamente essa gente, e vàe multiplicando que nem o esgalracho nos milharaes. Se é raça tão fecunda e prolifica!

E dizem que nos esterilisâmos! É ver como isto propaga... mesmo sem cultura!

Mas vamos ao caso. O grave jurisconsulto, instado da necessidade e convidado da esperança, saiu em fim da concha, como diz o vulgo. Como bom cortezão e palaciano seguiu a corrente. Começou a apparecer nas festas, nas que havia, e em poucos dias, com o poderoso auxilio da esposa ladina, tornou-se indispensavel n'ellas. Estava no caminho da fortuna!

D. Maria sabia um pouco de francez, prenda rara então, e ainda mais n'uma senhora. Esta circunstancia, e a sua incontestavel agudeza, fizeram com que, nas raras salas frequentadas, por vezes chegasse a rivalisar com algumas damas de superior jerarchia, então consideradas o melhor ornamento d'esta improvisa côrte de soldados, que tantas innovações traziam aos costumes.

A morgadinha passou tambem da roda familiar, ou dos circulos intimos, como hoje se diz, áquellas reuniões, agitadas da ruidosa expansibilidade gauleza.

A primeira impressão foi de um surprehendimento quasi doloroso. Era tudo isto tão novo para ella, destoava tanto dos seus usos, surgia-lhe tão avêsso ás idéas em que se embalára, e ás coisas até então mais da sua intimidade, que nos primeiros dias inclinava-se a pôr em duvida se vivia ou sonhava.

Pintavam-se-lhe as estranhezas assustadas no movimento sobresaltado d'uma timidez assomadiça. Com-

parava-se com as outras donzellas, e tinha pejo de si. Olhava para aquelle esplendido bulicio, e tinha medo do que via. Hesitava entre um oppressivo receio, uma invencivel curiosidade, e um desejo indefinido. Queria sem saber o que, aspirava sem saber a que, tremia sem saber de que.

Por vezes, fugindo com a vista aos cristaes dos lustres, que a cegavam, e aos espelhos dourados, que tanto lhe apoucavam as maiores magnificencias da casa paterna, fechava os olhos para mentalmente rever do eirado de Val-de-mil o formoso raio da lua, que em noites de agosto coava por entre os soutos, e estampava no chão as ramadas tremulas dos castanheiros.

Vinham-lhe á lembrança todas as imagens conhecidas e amadas — a ermidinha branca, meio sumida entre lapas negras, na coroa penhascosa da serra, como um ninho de pomba acautelado das tempestades; a veia susurrante da ribeira; os pomares rescendentes; as encostas floridas; os cantos rudes dos aldeãos ao pôr do sol, e sobre tudo o desvelo, ao mesmo passo protector e respeitoso, de toda aquella gente simples e amoravel, para quem representava a senhora e a primeira, ella, que alli era a inutil e a ultima.

Parecia-lhe então respirar as emanações balsamicas da montanha, e com estas recordações da bucolica nativa entrava-lhe fundo no coração uma saudade temperada de orgulho — a salutar saudade, o orgulho providencial, que arranca ainda hoje á voragem d'estas Babylonias chamadas capitaes, o candido provinciano que não vem achacado da monomania politica.

A morgadinha, porém, era mulher e formosa. O mesmo viço agreste que então dava á sua belleza um caracter especial, lhe attrahiu admiradores. Soube-se-lhe a preeminente qualidade de herdeira e unica. Não lhe faltou o acolhimento, o louvor, até o applauso. Houve logo almas caridosas que se encarregaram de lhe explicar e demonstrar, como poderia tomar um logar invejado no meio d'aquellas triumphaes cohortes femininas, que a principio lhe pareciam inaccessiveis.

Que espirito feminil resistiria á irritante perspectiva do triumpho, no meio das rivalidades, e depois das humilhações?

Antes de ouvir o côro dos aduladores víra o sorriso das desdenhosas. Aquelle incentivo podéra talvez ser indifferente; a este estimulo, não.

Nunca mais fechou os olhos, portanto. Pelo contrario: cada dia os ía abrindo mais.

E quanto mais os abria, mais se apagava a saudade do lar, mais se alongavam as imagens dos annos serenos, e dos suaves affectos.

Uma noite, era a segunda d'estas festas, voltavam ambas de casa de não sei que titular, onde o general governador estivera em pessoa com todo o seu estado maior, e onde a mulher do desembargador fôra muito cortejada pelos officiaes francezes.

Antes de se despedirem, Ignez disse desembaraçadamente para D. Maria:

— Queria pedir-lhe um favor, minha prima.

— Diga, menina. Naturalmente ha de ser coisa possivel.

— Muito possivel.

— Vem a ser?...

— Vem a ser... que desejo aprender o francez.

D. Maria fitou-a. Percebeu em continente o que similhante pedido queria dizer, e mediu com susto a força de resolução, que havia na manifestação de tal desejo, da parte de uma menina recem-chegada do fundo da sua provincia.

Hoje em dia, o desejo e o pedido seriam coisas triviaes.

Então, no caso de Ignez, com a sua educação, com os sentimentos de seu pae, com o papel que os francezes estavam representando em Portugal, era uma verdadeira ousadia. Apesar de toda a sua timidez, apesar de todo o recato da criação austera, a donzellinha calculára a valia de similhante prenda na conjunctura em que se achava, e nenhuma consideração a tolhêra. Qual da corte o faria melhor?

A mulher do desembargador perguntou a si mesma, se, julgando encarregar-se de uma pupilla docil, commodo instrumento e auxiliar da sua fortuna, não teria inadvertidamente suscitado por suas mãos um antagonismo perigoso. A isso não se sujeitava ella.

Resolveu portanto precatar-se; e, para começar, tentou responder evasivamente á sollicitação inesperada da priminha.

— Quer aprender o francez! Pensou bem?

— Pensei que não podia ser coisa ruim... pois que a prima o falla.

Veja-se como o aguilhão do amor-proprio faz andar depressa, e como n'uma esphera de competimentos se dilatam as vontades!

A observação atilada e a prompta resposta vinham de uma menina, que pouco havia nem ousava levantar os olhos diante de seu pae!

É que então ignorava ainda. Feliz ignorancia!

Em Val-de-mil nunca ninguem lhe tinha dito: — « as mulheres tem um imperio! » Recentemente lh'o haviam descoberto. E ella julgava vêl-o, a inexperiente. Isso lhe dava todo este animo.

Depois, sua prima era bem outra coisa que seu pae. Entre damas seria facil a intelligencia das coisas do mundo. Haviam de entender-se. E entendiam-se com effeito. Pois não se vê como se entendiam?

D. Maria, sagaz e pratica, leu por dentro a morgada, e viu cada vez mais evidente a necessidade de lhe ter mão.

N'este intuito replicou:

— Ha muita coisa que uma senhora casada póde saber, e uma menina deve ignorar.

— Pois as linguas...

— Por que não?

— Então a prima aprendeu o francez... depois de casada?

A mulher do desembargador fez-se branca. A frecha satyrica da provinciana aprendiz acertára em cheio no alvo — muito mais em cheio do que esta mesma queria e pensava.

D. Maria, porém, avezada aos lances mais arduos, disfarçou, e proseguiu com uma doçura de mau agouro:

— Seu pae deixou-a entregue aos cuidados da minha experiencia. Sou eu, na ausencia d'elle, unica juiza do que á sua educação convem.

Ignez calou-se. A réplica da prima refazia-a criança, quando tão senhora principiava a sentir-se.

Dissimularam ambas com aquelle innato e prodigioso instincto, que faz da mulher o mais temeroso enigma da creação. Quem as visse, julgára-as de certo duas amigas intimas, quasi duas irmãs.

Não passou d'aqui o dialogo. Separaram-se com a usual cordialidade para se retirarem aos seus quartos. Parecia até maior o extremo de parte a parte.

Nenhuma d'ellas todavia se enganava, nem enganava a outra. Tinham-se mutuamente adivinhado.

N'aquella occurrencia, apparentemente insignificante, occultava-se uma peripecia altamente dramatica. Por baixo dos sorrisos affaveis ardia a aversão implacavel de duas vaidades femineas contrapostas — a paixão mais ferina da humanidade!

Cada uma d'ellas entrára na arêna com armas diversas; mas as vantagens neutralisavam-se. D. Maria tinha por si a auctoridade da posição, a multiplicidade das relações, o uso do mundo, e a facul-

dade de dirigir. Ignez tinha em seu favor a edade, o frescor da belleza, e a esperança do morgado, uma das suas principaes seducções. Se D. Maria era um apoio, Ignez era uma promessa. Se a primeira era um astro, a segunda era uma aurora. D. Maria com a tutela, e com superioridade das prendas, equilibrava a declinação dos encantos; Ignez remia a inferioridade da dependencia com o prospecto da juventude.

Para haver paz entre ambas, com a indole da primeira e as inclinações nascentes da segunda, era necessario conservar inalteravel este prumo, tão difficil de manter, que se tornava quasi impossivel.

Procurando adquirir o que lhe faltava para dar nos olhos, a morgadinha annunciára imprudentemente um proposito seu, que feria a um tempo os desvanecimentos e as ambições da boa da prima. Não podia, pois, haver já boa harmonia.

Sem embargo abraçaram-se com uma effusão de amabilidade, que parecia levar o coração. Na mulher do desembargador não admirava a perfeição em todas estas artes; era consummada n'ellas. Mas a donzellinha, no verdor dos annos, e com tão pouco trato da vida, quem a tinha instruido a tal ponto?

Indague-o o leitor nos exemplos analogos, que terá diariamente diante de si.

— Boas noites, menina, — disse D. Maria assucarando os modos e dobrando as caricias. — Não me quer mal pela negativa?

— Por que havia de querer mal, prima? É de certo para meu bem.

— Isso é. Conforma-se?

— Conformo.

— Custa-lhe, vê-se.

— Não custa. Aprenderei outras coisas... Preciso aprender muito.

— N'essas disposições a quero. Fallaremos... fallaremos ámanhã. É tarde... quasi duas horas. Boas noites!

E deu-lhe um beijo, que a morgada retribuiu com toda a candura de um perfeito carinho.

Um beijo aquillo! Pensam que era um beijo? Era uma declaração de guerra.

Rompiam-se as hostilidades!

MENDES LEAL JUNIOR

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Sendo o verbo a palavra por excellencia, e a parte mais importante da oração, é indispensavel que elle se empregue, rigorosamente, com as suas determinadas variações de modos, tempos, numeros, e pessoas, taes quaes prescrevem as regras da grammatica.

Quem faltar a esta observancia, não só commetterá solecismos indesculpaveis, mas causará ambiguidades e confusão no que disser ou escrever.

Um dos muitos solecismos que hoje em dia andam arreigados na lingua portugueza, é usar-se, na falla, na escripta e na imprensa, da terceira pessoa singular do presente do indicativo nos verbos *trazer*, *dizer*, *fazer*, *traduzir*, *conduzir*, e seus compostos, para designar a segunda pessoa do imperativo.

Ponhamos alguns exemplos communissimos:

Traz-me d'alli os meus livros.
Diz a teu irmão que está despachado.
Faz bem aos pobres envergonhados.
Traduz este drama em boa linguagem.
Conduz esse menino á eschola.

Todas estas phrases são incorrectas, por conterem o solecismo de empregar o verbo no imperativo com a terminação ou desinencia que pertence ao indicativo.

Devem-se, pois, corregir os exemplos apontados d'este modo.

Traze-me d'alli os meus livros.
Dize a teu irmão que está despachado.
Faze bem aos pobres envergonhados.
Traduze este drama em boa linguagem.
Condúze esse menino á eschola.

O não saber conjugar correctamente os verbos da propria lingua é um grande desaire; porém n'isto muitas vezes pecca-se, não por ignorancia, mas por desattenção. Pelos proverbios, que em regra são bom texto de analyse grammatical, e todos os sabem de cór, pouco mais ou menos, se podem tirar as duvidas que sobre estes pontos houver; e sería bom que os mestres, com a devida selecção, usassem dos adagios da lingua para tal fim.

Para corregir o solecismo que hoje apontâmos, temos os seguintes proverbios:

Faze bem, não cates a quem.
Faze mal, e espera outro tal.
Faze por ter, vir-te-hão ver.
Faze bem ao bom varão, que haverás galardão.
Faze pé atraz, que melhor saltarás.
Faze teu filho herdeiro, mas não o faças despenseiro.
Conduze-te pelos conselhos da prudencia.
Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens.

Como o estudo da grammatica nas escholas primarias, para não enfastiar, se deve fazer mais por exemplos que pelas regras, bom será que os mestres escolham para isso as orações quotidianas, a doutrina christã, e os proverbios da lingua.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio